

**SOBRE SWEDENBORG,**  
AS RELAÇÕES DO FÍSICO E DO MORAL E A  
DOS ESPÍRITOS DE UM MUNDO AO OUTRO

© 2024 - CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

**SOBRE SWEDENBORG**  
AS RELAÇÕES DO FÍSICO E DO MORAL E A  
DOS ESPÍRITOS DE UM MUNDO AO OUTRO  
Immanuel Kant

Todos os direitos desta edição reservados à  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Fone/Fax: 19 3451-5440

*www.edconhecimento.com.br*  
*vendas@edconhecimento.com.br*

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais,  
é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer  
forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico,  
inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e  
de gravação –, sem permissão, por escrito, do Editor.

**Tradução:** Luiz Gustavo Oliveira dos Santos

**Projeto gráfico:** Sérgio Carvalho

**Ilustração da capa:** Banco de imagens

ISBN 978-65-5727-169-8

1ª edição – 2024

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**  
*grafica@edconhecimento.com.br*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Kant, Immanuel

Sobre Swedenborg: as relações do físico e do  
moral e a dos espíritos de um mundo ao outro /  
Immanuel Kant ; tradução de Luiz Gustavo Oliveira  
dos Santos – Limeira, SP: Editora do Conhecimento,  
2024.

162 p.

ISBN: 97-65-5727-169-8

1.Antropologia 2. Filosofia alemã I. Título II. Santos,  
Luiz Gustavo Oliveira dos

24-1919

CDD – 306

Índice para catálogo sistemático:

1. Antropologia

IMMANUEL KANT

# SOBRE SWEDENBORG,

AS RELAÇÕES DO FÍSICO E DO MORAL E A  
DOS ESPÍRITOS DE UM MUNDO AO OUTRO

- Sobre Swedenborg.
  - Ensaio sobre as doenças do espírito.
- Sonhos de um homem que vê espíritos, explicados por sonhos da metafísica.
  - Da superstição e dos remédios.
  - Sobre o órgão da alma.
- Do império do espírito sobre os sentimentos doentios só pela vontade de dominá-los.

Tradução  
Luiz Gustavo Oliveira dos Santos

1ª edição – 2024





Fonte dos escritos:

KANT, E. *Anthropologie, suivie des divers fragments du même auteur relatifs aux rapports du physique et du moral et au commerce des esprits d'un monde à l'autre*. [*“Anthropologia, seguida de diversos fragmentos do mesmo autor relativos às relações do físico e do moral e ao comércio dos espíritos de um mundo ao outro.”*] Apêndices. Edição de J. Tissot, Decano da Faculdade de Letras de Dijon. Paris: Librairie Philosophique de Ladrangue, 1863.

Títulos originais dos escritos em francês:

- *Sur Swedenborg.*
- *Essai sur les maladies de l'esprit.*
- *Rêves d'un homme qui voit des esprits, expliqués par les rêves de la métaphysique.*
- *De la superstition et de ses remèdes.*
- *A Sommering, sur l'organe de l'âme.*
- *De l'empire de l'esprit sur les sentiments maladiés par la seule volonté de les maîtriser.*

## Sumário

Apresentação .....	7
I. Sobre Swedenborg (1758) .....	19
II. Ensaio sobre as doenças do espírito (1764) .....	27
III. Sonhos de um homem que vê espíritos, explicados por sonhos da metafísica (1766) .....	45
IV. Da superstição e dos remédios (1790) .....	111
V. Sobre o órgão da alma ( <i>Carta a Sommering</i> , 1796) .....	117
VI. Do império do espírito sobre os sentimentos doentios só pela vontade de dominá-los ( <i>Carta ao Dr. Hufeland,</i> <i>com notas</i> , 1797) .....	125
Índice onomástico .....	159



## Apresentação

Os escritos que apresentamos, do eminente filósofo alemão Immanuel Kant, foram extraídos dos Apêndices da sua grande obra *Antropologia*, edição francesa de J. Tissot, de 1863. Muito apropriadamente, nessa edição francesa, o conjunto desses escritos foi designado: “*Fragments relatifs à des relations du physique et du moral et au commerce des esprits de un monde à l’autre*”.

Immanuel Kant (1774-1804), nascido em Königsberg, Prússia, é uma das figuras mais importantes da história da filosofia. Sua influência sobre a filosofia foi e continua a ser dominante. Ela se refere à função e à natureza da filosofia, assim como às suas principais partes: a metafísica, a teoria do conhecimento, a ética, a estética e a filosofia política. Historicamente, Kant pertence ao vasto movimento de ideias humanistas e progressistas que consolida e difunde pela Europa a fé na razão e na liberdade e que, na Alemanha, leva o nome de *Aufklärung* (“Esclarecimento”). Toda a obra de Kant está comprometida nisso, e um texto curto de 1784 dá uma definição dela<sup>[1]</sup>:

*As luzes se definem como a saída do homem do estado de menoridade, em que ele se mantém por própria culpa. A menoridade é a incapacidade de se servir de seu entendimento sem ser dirigido por um outro. (...) Sapere*

[1] Cf. HOTTOIS, 2008, p. 163-164.

*aude!* (Ouse saber!) Tenha a coragem de se servir de seu próprio entendimento! Eis a divisa das luzes. (*O que é o esclarecimento?*, 1784.)

Nos escritos que compõem o presente volume, Kant trabalha com a figura em projeção de Emmanuel Swedenborg, mineralogista, homem racional, que alegava – e exibia – a faculdade extraordinária da conversação com os espíritos dos mortos (que posteriormente, no movimento espiritualista do século 19, seria designada como *mediunidade*). A partir dessa faculdade, Swedenborg escreveu a *Arcana caelestia*, obra em que expunha o que pôde “descobrir” acerca do “mundo dos espíritos”, vinculando-o com o que entendia ser a sua significação oculta contida nas páginas da Bíblia.

Grande filósofo do conhecimento e da mente humana, Kant aplica a razão e os conceitos da Física, da Epistemologia, da Medicina, da Metafísica e da Lógica que encontra à disposição para analisar e entender tal prodígio, legando-nos, com isso, valiosas reflexões sobre diversos temas relativos à alma.

No escrito I, Kant não deixa de se mostrar estupefato, ao menos de início, quando toma notícia dos relatos tidos por extraordinários daquele homem “espiritual”. Descreve-os. Admite não ver explicação e achar mesmo o tema, eivado de quimeras e inutilidades, sem mérito para tratamento grave. Recebe depois a obra e a investiga (no escrito III).

No escrito II, partindo de um curioso caso de um homem e seu filho que viviam longe da influência da civilização, ele passa a identificar as diversas condições do entendimento humano, desde a saúde até as doenças da cabeça, assim como seus efeitos sobre a moral. Também identifica a influência do meio, positiva ou negativa, na conformação do entendimento e das atitudes.

No escrito III, o mais extenso deste volume, ele pondera as dificuldades da noção de “espírito”, tanto metafisicamente quanto em face da ciência da época, no paradigma da física newtoniana. Considera as possíveis explicações dos acontecimentos com senso crítico, sem dogmatismo nem ceticismo radical. Sopesa os diagnósticos que pudessem enquadrar casos

como o de Swedenborg. Remonta o histórico dos fatos.

Tendo tomado conhecimento da obra de Swedenborg, Kant a passa ao escrutínio e a encontra decerto problemática. Há, de início, excessivo misticismo, interpretações anacrônicas de passagens bíblicas, quadros fantasiosos repletos de detalhes quiméricos do mundo espiritual, que são postos de lado frente às exigências da razão<sup>[2]</sup>. No entanto, o filósofo procura, por sua conta, racionalizar o tema do mundo espiritual, numa metafísica que fosse compreensível e coerente, por mais difícil ou infrutífero que acreditasse ser tal empreendimento. E é então que acompanhamos o gênio investigativo do filósofo desbravando o campo do espírito. Vejamos alguns exemplos interessantes dessas reflexões.

Com efeito, Kant entende que a inteligência bem pode determinar a existência da uma realidade espiritual, o “mundo inteligível” ou espiritual:

... ficar-se-á persuadido, se não pela clareza de uma demonstração, ao menos pelo pressentimento de uma inteligência exercitada, da existência de seres imateriais, cujas leis particulares de ação são chamadas *pneumáticas*, e *orgânicas* quando os seres corporais são causas imediatas de suas ações no mundo material. Como os seres imateriais são princípios espontâneos, por conseguinte, substâncias e naturezas subsistindo por si mesmas, a consequência à qual se chega de seguida é esta: que essas substâncias estão imediatamente unidas entre si, e são talvez capazes de constituir um grande todo que se pode nomear mundo imaterial (*mundus intelligibilis*). (Escrito III, pt. 1, cap. 2.)

E também que a alma estaria, já na vida presente, ligada aos dois mundos, o material e o espiritual:

---

[2] Quase um século mais tarde, também o Espiritismo apontava na obra de Swedenborg profundas dificuldades, como escreve Allan Kardec: “Sua doutrina deixa, sem dúvida, muito a desejar. (...) Embora rendendo justiça ao mérito pessoal de Swedenborg, como erudito e como homem de bem, não podemos nos constituir os defensores de doutrinas que o mais vulgar bom-senso condena. O que ressalta mais claramente ... é a existência de um mundo invisível e a possibilidade de comunicar com ele. (...) Os admiradores fanáticos o olharam como um ser excepcional. (...) Se ele tivesse pesado maduramente o pró e o contra, teria reconhecido princípios inconciliáveis com a lógica, por pouco rigorosa que ela fosse.” (*Revista Espírita*, nov. de 1859, artigo “Swedenborg”)

A alma humana deveria, portanto, ser olhada como ligada já, na vida presente, aos dois mundos. Como ligada em uma pessoa única com o corpo, ela sente nitidamente, desses mundos, só a influência material; como parte do mundo dos espíritos, ela sente e produz as puras influências das naturezas imateriais. (Escrito III, pt. 1, cap. 2.)

O filósofo demonstra neste escrito uma forte preocupação metafísica<sup>[3]</sup>. Avançando em seus pensamentos, ele argumenta, ainda, que os vivos estão em comunhão com outras almas, de igual natureza, apenas separadas do corpo. E que, embora nós creiamos que tomamos todas as decisões em nossas vidas, somos, verossimilmente, influenciados por elas mais do que imaginamos:

... os homens nesta vida imaginam que todos os seus pensamentos, todos os móveis de sua vontade não partem senão só deles, embora frequentemente, na realidade, sofram a influência do mundo inteligível. (Escrito III, pt. 2, cap. 2.)

Depois, conjectura como se daria a comunicação dos espíritos com os vivos, a partir das representações “imaginativas” ou “fantasias” passadas de uma consciência para a outra; o que resultaria em influências das ideias e crenças do receptor sobre a comunicação:

Portanto, não é inverossímil que sensações espirituais possam passar à consciência, se elas excitam fantasias que lhes sejam análogas. Dessa maneira, as ideias, que são comunicadas por uma influência espiritual, se revestiriam dos sinais dessa *linguagem*, que está, aliás, nos hábitos do homem; a presença sentida de um espírito tomaria a imagem de uma *figura humana*, a ordem e a beleza do mundo imaterial se traduziriam em fantasias que, aliás, afagam nossos sentidos na vida, etc. (Escrito III, pt. 1, cap. 2.)

Porém, nem todos têm a faculdade dessa comunicação

---

[3] Diz J. Tissot, na apresentação da obra de Kant, p. IX, sobre os *Sonhos de um homem que vê espíritos, explicados por sonhos da metafísica*: “O leitor atento notará sem dificuldade, embora o tema esteja singularmente disfarçado, a importância desse escrito, como revelação do grande empreendimento de Kant, de fundar a metafísica e de abrir uma nova via à filosofia especulativa em geral!”

mais ostensiva com os habitantes do mundo espiritual. Para isso, é preciso estar numa condição, à época entendida como “doentia”, na qual os órgãos sejam conformados para uma “excitabilidade totalmente extraordinária”. Eis uma descrição antecipada daquilo que ficaria conhecido, no movimento espiritualista posterior, como a faculdade da *mediunidade*:

Essa espécie de fenômenos não pode, entretanto, ser alguma coisa de comum e de ordinário; ela não pode se produzir senão em pessoas cujos órgãos são de uma excitabilidade totalmente extraordinária, e de natureza a fortalecer as imagens da fantasia, segundo o estado interno da alma, pelo movimento harmônico, num grau superior ao que se encontra e que se deve encontrar em homens sãos. (*Idem.*)

Indo além, o filósofo não deixa de especular sobre como funcionaria o mundo dos espíritos. Supõe que, pela comunhão de naturezas, as almas ou “princípios de vida” formariam um grande todo imaterial, numa “série imensa”:

Portanto, se se tomam, dessa maneira, todos os princípios da vida numa natureza total como outras tantas substâncias incorpóreas em comércio recíproco, mas também em parte reunidas à matéria, concebe-se então um grande todo do mundo imaterial; uma só série imensa, mas desconhecida, de seres e de naturezas ativas anima a matéria morta do mundo corporal. (Escrito III, pt. 1, cap. 2.)

Ademais, ele chega a enunciar “leis da influência pneumática<sup>[4]</sup>”. Segundo tais leis, as almas se associariam, nesse grande “corpo” ou “república” espiritual, em grupos menores caracterizados por interesses e disposições morais semelhantes; isto é, estreita-se junto dos maus ou junto dos bons, numa escala de moralidade, sofrendo ainda “todas as consequências que podem se seguir disso”.

Poder-se-ia fazer consistir o comércio do homem e do mundo espiritual, por consequência do princípio da moralidade, segundo as leis da influência pneumática, nisto, que resulta dele naturalmente: uma comunidade mais estreita de uma alma boa ou má com espíritos bons ou maus,

[4] Da palavra grega *pneuma*, que significa “vento/sopro” e “espírito”.

e que as almas se associam, desse modo, àquela parte da república espiritual que está de acordo com sua espécie de moralidade, com participação em todas as consequências que podem naturalmente se seguir disso. (*Idem.*)

Tão longe vai o autor na construção metafísica da existência espiritual, que cogita a difusão das almas por todo o universo, aventando a ideia de *pluralidade dos mundos habitados*, no corpo ou fora dele:

Todas essas naturezas imateriais, digo, que elas exerçam sua influência no mundo corporal ou não, todos os seres racionais, cujo estado contingente é animal, que seja aqui sobre a Terra ou em outros corpos celestes que eles animem ou devam animar um dia o grosseiro estofado da matéria, ou que já o tenham animado, estariam, segundo essas ideias, num comércio de acordo com sua natureza. (*Ibidem.*)

No escrito IV, o filósofo estuda a condição própria dos *supersticiosos*, seu modo de ação, sua diferença em relação ao cientista. Propõe ainda precauções para se ter diante deles e para mitigar sua proliferação no meio social.

No escrito V, Kant se dedica investigar qual seria o “órgão da alma”, o *elemento* que permite a união e influência dela ao corpo, o seu *sensorium commune*; qual tipo de elemento (*mecânico* ou *dinâmico, fluido*) deveria ser buscado a fim de satisfazer essa condição. Analisa sua possível identificação, após diversas considerações teóricas e filosóficas, no fluido aquoso que reveste o sistema cerebral. Em meio a isso, faz a comparação entre os campos de estudos dos fisiologistas e dos metafísicos.

No escrito VI, disserta, utilizando casos de sua própria vida, sobre como a ação do espírito, pela *vontade*, afeta o corpo, a ponto de poder causar sobre ele estados doentios ou curativos. Possibilidades estas que modernamente chamamos de *condições psicossomáticas*:

... como se degusta mais a vida pela liberdade mesma do uso que se *faz* dela do que por *gozá-la*, os trabalhos do espírito podem, por conseguinte, dar sentimentos da vida de uma espécie particular em oposição aos entraves do corpo. (Escrito VI.)

No decorrer dos escritos, ante tantas formulações e autocríticas, com passos sempre precavidos e sem afirmações peremptórias por falta de respaldo factual, encontram-se também diversas reflexões *morais*. É o caso desta defesa do “entusiasmo”, que move as pessoas de “sentimentos moralmente bons” a realizarem grandes coisas no mundo, a despeito do desdém daqueles que não alcançam essas virtudes:

Aquele que é animado por um sentimento moral, como por um princípio, mais do que outros podem concebê-lo com seu senso enervado e frequentemente ignóbil, é, aos olhos desses, um fantasista. Que se figure *Aristides* em uma sociedade de usurários, *Epicteto* no meio de cortesãos, e *Jean-Jacques Rousseau* entre os doutores da Sorbonne! Com vozes, acompanhadas de rompantes de riso, repetição à porfia: *Que fantasistas!* Essa aparência equívoca de fantasição em sentimentos moralmente bons em si mesmos é o *entusiasmo*, sem o qual nada de grande jamais se fez no mundo. (Escrito II.)

Por outro lado, Kant não deixa de examinar e mesmo de apontar os *perigos dos comportamentos religiosos fanáticos ou exaltados* para a sociedade. Estes, ao atraírem para si a atenção dos iludidos, minando o exame ao se atribuírem autoridade celestial, podem ter seus efeitos alçados até à esfera do Estado. O fanatismo leva a extremos, da glória ou da rejeição:

Dá-se muito diferentemente com o *fanático (visionário, exaltado)*. Este é propriamente um delirante cuja mania é crer numa pretensa inspiração imediata, e numa grande familiaridade com os poderes celestes. A natureza humana não conhece nenhuma ilusão mais perigosa. Se a manifestação é nova, se o homem iludido tem talento, e que o grande número esteja disposto a tomar para o interior esse fermento, então o próprio Estado experimenta, por vezes, convulsões. O fanatismo leva o inspirado ao extremo; *Maomé*, sobre o trono, *João de Leiden*, ao cadafalso. (Escrito II.)

No escopo de sua investigação, Kant também trata de como o *estado civil*, da maneira como está configurado hoje – com estímulos ao luxo artificial e ao cientificismo, distante

da vida simples –, corrompe e fragiliza o entendimento das pessoas, levando-as mesmo ao adocimento – numa reminiscência do pensamento de Rousseau:

É no estado civil que se encontram propriamente os fermentos de toda essa corrupção, que, embora não a produzindo, servem, no entanto, para entretê-la e para agravá-la. O entendimento considerado na medida das necessidades e da satisfação das exigências simples da vida é um *entendimento sadio*; mas, encarado em relação ao luxo artificial, em matéria de gozos ou de ciências, é um *entendimento delicado*. (*Idem.*)

Enquanto elabora esses escritos filosóficos, Kant faz a admissão de seu pendor para a crença nos espíritos:

Confesso que sou muito propenso a afirmar a existência de naturezas imateriais no mundo, e a posicionar minha alma mesmo entre esses seres. (Escrito III, pt. 1, cap. 2.)

Ele reconhece, contudo, enfaticamente que tudo isso permanece no campo da especulação racional, nos “sonhos da metafísica”, enquanto não houver uma demonstração direta e inequívoca, por observação. E, de fato, não tem ao seu dispor ferramentas epistemológicas que lhe permitam proceder à comprovação direta da existência espiritual.

Todavia, em mais de uma passagem, o filósofo considerava e mesmo prognosticava a possibilidade do surgimento futuro de um meio de demonstração capaz de alcançar esse objetivo. E julgava ser uma bela coisa que suas especulações, um dia, pudessem passar pelo crivo de uma “observação real e universalmente reconhecida”:

*Seria belo se uma constituição sistemática do mundo espiritual, tal como a concebemos, pudesse ser concluída, ou mesmo verossimilmente presumida, partindo não somente da noção da natureza espiritual em geral, que é muito hipotética, mas também de uma observação real e universalmente reconhecida.*

... Portanto, está como que demonstrado, ou bem poderia sê-lo facilmente se nisto se quisesse tomar o tempo, *ou ainda, o que é melhor, será demonstrado um dia, não sei onde nem quando*, que a alma humana está, desde esta

vida mesmo, indissoluvelmente unida com as naturezas imateriais do mundo dos espíritos, que ela está em relação de ação e de reação com elas, que recebe delas impressões, mas das quais não tem consciência como homem enquanto tudo vai bem. (*Ibid.*, grifo nosso.)<sup>[5]</sup>

Vale acrescentar que, por comedido e rigoroso que Kant fosse, espiritualistas posteriores não deixaram de exaltar diversas afirmações que ele fez ao longo dessas reflexões sobre a alma, mostrando que o filósofo foi tomado por antecipador de importantes ideias e métodos adotados por essa corrente, décadas mais tarde. Para dar uma ideia de tal apropriação, segue o excerto de um comentário feito pelo dramaturgo e poeta espiritualista inglês Epes Sargent (1813-1880), fazendo notar o uso das asserções de Kant, bem como sua recepção, no movimento espiritualista do século 19.

Kant foi notável por seu poder intuicional, tanto quanto por sua faculdade de raciocinar. Era uma combinação rara. Já citei em outra parte um breve extrato de suas observações sobre a probabilidade da existência de um mundo espiritual. (...) A palavra *imaterial*, como Kant a usava, não queria dizer *insubstancial*; é evidente que lhe desagradava a hipotética noção cartesiana sobre o Espírito. (...) Kant, entre os filósofos, está ao lado de Platão, Aristóteles e Leibniz. Substancialmente, e isso há mais de um século, disse ele que o fato da comunhão da alma humana, mesmo nesta vida, com os seres do mundo espiritual, havia de ser provado no futuro. Não estamos nesse futuro? (SARGENT, 2002, cap. X, p. 311-313.)

Enfim, Kant oferece, no presente volume, uma rica excursão filosófica, especulativa, racional, em meio ao vasto campo do mundo dos espíritos. E, como acontece com tantos excelentes filósofos, seu trajeto é tão bem trilhado que, mesmo sem a chegada conclusiva da confirmação, a caminhada argu-

[5] Não é de admirar que tal projeto, como o empreendido pelo Espiritismo de Allan Kardec, surgisse com esse fito, menos de um século depois, em 1857. "Até ao presente, o estudo do princípio espiritual, compreendido na metafísica, tinha sido puramente especulativo e teórico; no Espiritismo, é inteiramente experimental." (Allan Kardec, *A Gênese*, cap. IV, nº 16.) Aliás, muito da "constituição sistemática do mundo espiritual" empreendida por Kant nestes escritos encontrou lugar na doutrina do Espiritismo. Vários pontos de contato podem ser vistos na pesquisa de Figueiredo, 2016, parte 3, item 3.4.3, pp. 296-308.

mentativa criteriosa em sua companhia já encerra em si todo o valor.

Os escritos de Kant sobre a alma, o mundo espiritual, são de grande interesse aos estudiosos da filosofia, da metafísica, aos psicólogos modernos e aos interessados em geral nas filosofias espiritualistas. Constitui, sem dúvida, experiência filosófica ímpar seguir seus raciocínios em tais assuntos instigantes e sempre emergentes.

Sobre a tradução, como é de nossa praxe, prezamos pela fidelidade; sem impor estilos, simplificar e muito menos dificultar a escrita com construções forçadamente eruditas, visamos apenas respeitar ao máximo o texto de base. Para dirimir as dificuldades, recorreremos aos textos alemães. Cotejamos também com algumas versões em inglês, espanhol e português dos escritos separados, a fim de trazer ao público o melhor resultado ao nosso alcance.

No final do livro, acrescentamos um índice onomástico, para auxiliar nas consultas e pesquisas.

Oferecendo aos leitores esta importante obra de filosofia, fonte de pesquisa, análise e discussão, além de constituir ótima leitura, desejamos excelente proveito!

Luiz Gustavo Oliveira dos Santos.  
Brasília, DF, 30 de março de 2024.

## Referências bibliográficas:

Texto de base para esta tradução:

KANT, Emmanuel. *Anthropologie, suivie des divers fragments du même auteur relatifs aux rapports du physique et du moral et au commerce des esprits d'un monde à l'autre*. [“Antropologia, seguida de diversos fragmentos do mesmo autor relativos às relações do físico e do moral e ao comércio dos espíritos de um mundo ao outro.”] Apêndices. Edição de J. Tissot, Decano da Faculdade de Letras de Dijon. Paris: *Librairie Philosophique de Ladrange*, 1863.

Versões cotejadas dos escritos:

### **Em alemão:**

KANT, Immanuel. *Sämmtliche Werke*. Vol. II. Leipzig: Leopold Voss, 1864.

\_\_\_\_\_. *Träume eines Geistersehers, erläutert durch Träume der Metaphysik*. Königsberg: Johann Jacob Kanter, 1766.

\_\_\_\_\_; HUFELAND, C. W. *Von der Macht des Gemüts, durch den bloßen Vorsatz seiner krankhaften Gefühle Meister zu sein*. Leipzig: Bibliographisches Institut, 1824.

### **Em inglês:**

KANT, Immanuel. *Dreams of a Spirit-Seer Illustrated by Dreams of Metaphysics*. Trad. Emanuel F. Goerwitz. London: Swan Sonnenschein & Co., Lim.; New York: The Macmillan Co., 1900.

### **Em espanhol:**

KANT, Immanuel. *Los sueños de un visionario explicados por los sueños de la metafísica*. Trad. Pedro Chacón e Isidoro Reguera. Madrid: Alianza Editorial, 1987.

### **Em português:**

KANT, Immanuel. *Carta a Borowski*. Trad. Luís Gustavo das Mer-

cês Muniz e André Renato de Oliveira. In *Kant e-prints*, Campinas, série 2, v. 10, n. 3, número especial, pp. 01-08, set.-dez., 2015.

\_\_\_\_\_. *Ensaio sobre as doenças da cabeça*. Trad. Pedro Miguel Panarra. In *Revista filosófica de Coimbra*. Vol. 19, n° 37, pp. 201-224, 2010.

\_\_\_\_\_. *O conflito das faculdades*. Terceira seção. Trad. Artur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

\_\_\_\_\_. *Observações referentes a Sobre o órgão da alma*. Trad. Zeljko Loparic. In *Natureza humana: Revista brasileira de filosofia e psicanálise*. São Paulo. Vol. 5, n° 1, pp. 223-229, jan.-jun. 2003.

\_\_\_\_\_. *Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica*. Trad. Joãozinho Beckenkamp. In KANT, Immanuel. *Escritos pré-críticos*. São Paulo: UNESP, 2005.

#### **Sobre aplicações e desdobramentos espiritualistas dos escritos:**

FIGUEIREDO, Paulo Henrique de. *Revolução espírita: a teoria esquecida de Allan Kardec*. São Paulo: Maat, 2016.

KARDEC, Allan. *A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo*. 54.ed. Trad. Salvador Gentile. Araras, SP: IDE, 2008.

\_\_\_\_\_. *Revista espírita de 1859*. Mês de novembro, artigo "Swedenborg". Trad. Salvador Gentile. Araras, SP: IDE, 1993.

PIRES, J. Herculano. *Os filósofos*. 3.ed. São Paulo: Paideia, 2005.

SARGENT, Epes. *Bases científicas do espiritismo*. Trad. F. R. Ewerton Quadros. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

SWEDENBORG, Emanuel. *Arcana caelestia e Apocalipsis revelata*. Trad. John Lionel O'Kuinghttons Rodriguez. São Paulo: Hedra, 2008.

#### **Obras de referência em filosofia para aprofundar no pensamento de Kant:**

HOTTOIS, Gilbert. *Do renascimento à pós-modernidade: uma história da filosofia moderna e contemporânea*. Trad. Ivo Storniolo. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.

PECORARO, Rossano (Org.). *Os filósofos clássicos da filosofia*. Vol. 2: de Kant a Popper. Petrópolis, RJ: Vozes/PUC-Rio, 2008.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia*. Vol. 2: do humanismo a Kant. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1990.

ROVIGHI, Sofia Vanni. *História da filosofia moderna: da revolução científica a Hegel*. 3.ed. Trad. Marcos Bagno e Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 2002.

I

SOBRE SWEDENBORG

1758

I

SUR SWEDENBORG

1758

---